

Pós-Modernidade e Ser Humano

Dr. Frei Nilo Agostini

RESUMO

A sociedade atual apresenta expressões culturais multifacetadas¹. Revela-se portanto, com forte diversidade, não escondendo uma riqueza de variedades. No entanto, verifica-se igualmente uma tendência de globalização crescente, formando um processo vivo e dinâmico que interfere nos nossos modelos de vida, nos padrões de comportamento, nas linguagens, levando a cultura a estar em permanente adaptação. Estamos mergulhados na pós-modernidade. "Somos pós-modernos"².

Palavras-chave: sociedade, culturas, globalização.

ABSTRACT

The current society presents expressions of multifaceted cultures.[3] It reveals therefore, with a strong diversity not hiding the richness of varieties. However, it verifies equally a tendency of growing globalization forming a living and dynamic process that interferes in our models of life, in the standard of behaviour, in languages, taking culture to be a permanent adaptation. We are plunged into the post-modernity. "We are post-modern".

Key-words: sociedade, culturas, globalização.

¹ MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo: El desafío del fragmento*, 2ª ed., Bilbao/Santander, Editorial Sal Terrae, 1988; IDEM, *Postmodernidad y neoconservadorismo: Reflexiones sobre la fé y la cultura*, Navarra, Editorial Verbo Divino, 1991; LIPOVETSKY, G., *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, Relógio D'Água Editorial, 1983; IDEM, *O crepúsculo do dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994; IDEM, *Os tempos hipermodernos*, São Paulo, Editora Barcarolla, 2004.

² ARDUINI, J., *Antropologia. Ousar reinventar a humanidade*, São Paulo, Paulus, 2002, p. 13.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual apresenta expressões culturais multifacetadas³. Revela-se portanto, com forte diversidade, não escondendo uma riqueza de variedades. No entanto, verifica-se igualmente uma tendência de globalização crescente, formando um processo vivo e dinâmico que interfere nos nossos modelos de vida, nos padrões de comportamento, nas linguagens, levando a cultura a estar em permanente adaptação. Estamos mergulhados na pós-modernidade. “Somos pós-modernos”⁴.

No Brasil há pouco, nossa população entrou na modernidade, com o processo da rápida urbanização e a crescente industrialização, acrescidas do impacto dos meios de comunicação. Esse processo mal lançou suas raízes e já avança em nossa sociedade com a complexidade própria e respectivos efeitos do que já se anuncia como “pós-modernidade” ou “modernidade tardia” ou ainda “hipermodernidade”⁵. Estamos no entremeio de um processo que necessita ser compreendido melhor, decifrado detalhadamente, inclusive em suas ambivalências, pois pode tanto construir quanto destruir o ser humano, sustentando ou comprometendo o que lhe dá dignidade e sustentabilidade de vida.

1. A MUTAÇÃO PÓS-MODERNA

O mergulho na pós-modernidade vem acompanhado de uma cultura e de uma representação da sociedade que deixou para trás qualquer traço de uniformidade e de unanimidade, bem como qualquer heteronomia. Mescla de valores, afirmação da identidade individual, traços cada vez mais individualizados são os primeiros traços de uma nova cultura com lógicas duais, cheia de antagonismos, ou seja, “descentrada e heteróclita, materialista e

³ MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo: El desafío del fragmento*, 2ª ed., Bilbao/Santander, Editorial Sal Terrae, 1988; IDEM, *Postmodernidad y neoconservadorismo: Reflexiones sobre la fé y la cultura*, Navarra, Editorial Verbo Divino, 1991; LIPOVETSKY, G., *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, Relógio D'Água Editorial, 1983; IDEM, *O crepúsculo do dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994; IDEM, *Os tempos hipermodernos*, São Paulo, Editora Barcarolla, 2004.

⁴ ARDUINI, J., *Antropologia. Ousar reinventar a humanidade*, São Paulo, Paulus, 2002, p. 13.

⁵ Cf. LIPOVETSKY, G., *O tempos hipermodernos, op. cit.*, p. 25.

psi, pornô e discreta, inovadora e retro, consumista e ecologista, sofisticada e espontânea, espetacular e criativa”⁶.

Crescem o individualismo e o neo-narcisismo. Importa a livre escolha, sem referenciais. Há uma emancipação frente à disciplina, sendo o valor principal, o indivíduo e seu direito de ser livre. Reescrevem-se a sociedade e a cultura modernas. Desacomodam-se instituições modernas e religiões. Uma nova época se instaura. A crise se aprofunda e atinge as raízes onde a vida humana se assenta, ou seja, o próprio *ethos*. Alteram-se no mais profundo do humano a percepção, a capacidade de avaliação e a possibilidade de ação. O *ethos* já não nos dá mais um conjunto de evidências primitivas, o que garantia um consenso a partir de um processo de acumulação, de elementos hereditários, bem como da tradição e da educação. Não estamos mais alicerçados nesta unidade primitiva, de raiz; os comportamentos não são mais um consenso; imperativos diferentes e até contraditórios revelam o caráter arbitrário e duvidoso do consentimento. Cai-se na fragmentação da razão, na proliferação das esferas de valor, num desencantamento do mundo e sua dessacralização. Vivemos um tempo de grandes paradoxos e de crise.

“É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade”⁷.

Há quem olhe este momento de transformações como um contexto de evolução cultural humana. Um ponto de mutação se anuncia após milhares de anos e que tende a “substituir a noção de estruturas sociais estáticas por uma percepção de padrões dinâmicos de mudança. Vista desse ângulo, a crise apresenta-se como um aspecto da transformação”⁸. Neste sentido, quando falamos em mudança de paradigmas, estamos nos referindo a uma mudança profunda no pensamento, na percepção da realidade e nos valores que formam o quadro referencial a partir do qual as pessoas, as comunidades

⁶ IDEM, *A era do vazio*, op. cit., p. 12-13.

⁷ CAPRA, F., *O ponto de mutação*, São Paulo, Ed. Cultrix, 1982, p. 14.

⁸ *Ibid.*, p. 24.

e a sociedade costumam perceber, pensar e viver as relações com Deus, com os/as outro/as seres humanos, com o meio ambiente e consigo mesmo. Isto aponta para uma crise que perpassa todos os setores da sociedade em seus níveis diversos, atingindo o ser humano nos âmbitos econômico, político, cultural e existencial/espiritual.

2. A CRÍTICA À RAZÃO MODERNA

A razão moderna entra por sua vez, também em crise, pois defronta-se com “realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários”⁹.

“No âmbito da pós-modernidade, dá-se uma reviravolta radical no predomínio total concedido à razão instrumental e a toda a perspectiva mecanicista que tem norteado a ciência nos últimos três séculos. Reação contra o racionalismo antigo e, sobretudo, moderno. Acresce a crítica à fragmentação do ser humano e da realidade do mundo, a atomização, divisão e subdivisão do ser humano, a brutal ruptura entre espírito e matéria etc. Desenvolve-se uma nova visão da ciência. Critica-se a perspectiva unilateralmente objetivista e determinista. O positivismo e o neopositivismo são questionados radicalmente”¹⁰.

Diante da crise, pergunta-se na verdade se realmente se trata de uma mudança epocal ou do surgimento de uma nova época; há quem prefira falar de uma crise interna e profunda da própria modernidade. O certo é que uma nova sensibilidade distinta da modernidade, está entrando em cena e afetando todos os segmentos da sociedade e atingindo forte e profundamente o ser humano. Há um novo olhar sobre o mundo e o ser humano.

São criticados o racionalismo moderno, as filosofias modernas da história, o progresso tão propalado, a teatralização política etc esta crítica, por vezes, contém traços de anti-modernidade, outras vezes, apresenta-se como

⁹ MORIN, E., *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 8ª edição, São Paulo, Cortez Editora, 2003, p. 36.

¹⁰ GARCÍA RUBIO, A., A prática da Teologia em novos paradigmas: Adequação aos tempos atuais, em VÁRIOS AUTORES, *Teologia aberta ao futuro*, São Paulo, Edições Loyola/SOTER, 1997, p. 230.

uma insatisfação mediante a modernidade¹¹. Cresce, então a busca pelo simbólico afetivo, pelas satisfações imediatas, pelo utilitarismo, pragmatismo e consumismo; cresce o subjetivismo extremamente individualista; e observa-se uma valorização crescente da experiência religiosa, com traços anti-rationais ou não racionais, numa atitude de refeição ou indiferença face às grandes instituições religiosas tradicionais, especialmente as ocidentais.

“A visão do todo, a perspectiva holista, a união das dimensões e aspectos do ser humano, a relação íntima existente entre o ser humano e os outros seres do universo, entre o ser humano e Deus, quer dizer, a multiplicidade de relações e inter-relações existentes entre os seres, é o que interessa acima de tudo, no novo paradigma”¹².

3. MUDANÇA DE ÉPOCA?

A história acelerou-se. Somos jogados abruptamente para o futuro. Tônicas disto são fatores como o “boom” da informatização, a explosão do mundo “místico-psíquico-religioso”, a força da globalização neo-capitalista, o clima de pressão sobre as pessoas e as instituições, a concorrência globalizada... Hoje, anda-se depressa. Os resultados devem ser obtidos a curto prazo. Prioriza-se o urgente em vez do importante. Age-se já, nem sempre refletindo o suficiente. Aceita-se o acessório à custa do essencial. O clima é dramático, o estresse é permanente, os distúrbios psicossomáticos são uma constante¹³.

“Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido”¹⁴, no qual mandam o dinheiro e a informação. Estas emergem como uma verdadeira tirania, bases de um sistema ideológico que legitima uma nova postura hoje e encrava novas bases referenciais para as relações humanas, quer pessoais quer sociais. Há quem fale na emergência de uma cultura consumista e de

¹¹ Cf. GONZÁLES FAUS, J. I., *Desafio da pós-modernidade*, São Paulo, Paulinas, 1996, p. 25.

¹² *Ibid.*, p. 232-233.

¹³ Cf. LIPOVETSKY, G., *O tempos hipermodernos*, *op. cit.*, p. 77.

¹⁴ SANTOS, M., *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 10ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 2003, p. 17.

morte¹⁵, fenômeno que ainda não completou seu aparecimento; está ainda num processo de construção, marcado por ambigüidades, tais como opção da intuição em vez da racionalidade. Cultivam-se o emocionalismo, o sincretismo, o prazer¹⁶. Ao mesmo tempo, tolera-se uma economia desumana que dizima populações ou as relega à marginalização. Convivem vertentes solidaristas e individualistas. Deparamo-nos com forte desenvolvimento em algumas áreas ou regiões, ao lado de devastações e populações subdesenvolvidas. Assistimos a avanços e a retrocessos. Crescem os avanços técnico-científicos como também crescem a violência, a exclusão, o desemprego etc.

J. Arduini pondera que “não devemos destilar pessimismo nem refugiar-nos no passado. Somos pós-modernos. Vivemos no presente, vivemos o presente. Mas também devemos viver contra o presente que arruína a humanidade. Não poderemos aderir gregariamente à última novidade, seja econômica, tecnológica, cultural, moral ou religiosa. O que importa é impulsionar tudo o que realiza o ser humano. E desterrar tudo o que o desrealiza. O significado da pós-modernidade deverá ser avaliado pelo que está acontecendo ao ser humano”¹⁷.

É impressionante como neste contexto pós-moderno, a história em si não interessa. Não há memória histórica. Constroem-se “micro-histórias”, histórias parciais, sem continuidade, sem futuro, sem memória. Prima-se pelo efêmero, pelo fragmentário, pelo descontínuo e caótico¹⁸. Sem freios, dá-se primazia aos desejos subjetivos, busca a realização individual e cultiva-se o amor próprio.

Empurrado pela tecnologia genética, pela globalização liberal e pelos reclamos dos direitos humanos, vemos um possível declínio do pós-moderno. Esgota-se a capacidade de ir gestando o mundo que anuncia. Lipovetsky identifica aí o aparecimento de uma modernidade à potência “hiper”. Um movimento à potência superlativa não decreta logo o óbito da modernidade, mas vai levando-a ao seu arremate final. Chegamos ao hipercapitalismo,

¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 35-37.

¹⁶ Cf. ORTIZ, R., *Mundialização e cultura*, São Paulo, Editora Brasiliense, 2003, p. 15.

¹⁷ ARDUINI, J., *op. cit.*, p. 14.

¹⁸ Cf. GASTALDI, I., *Educar e evangelizar na pós-modernidade*, São Paulo, Editora Salesiana, 1994, p. 23-24.

hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo e por que não à hipermodernidade!

“O Estado recua, a religião e a família se privatizam, a sociedade de mercado se impõe: para disputa, resta apenas o culto à concorrência econômica e democrática, a ambição técnica, os direitos do indivíduo. Eleva-se uma segunda modernidade, desregulamentadora e globalizada, sem contrários, absolutamente moderna, alicerçando-se essencialmente em três axiomas constitutivos da própria modernidade anterior: o mercado, a eficiência técnica, o indivíduo. Tínhamos uma modernidade limitada; agora, é chegado o tempo da modernidade consumada”¹⁹.

4. TENDÊNCIAS CONTRADITÓRIAS

Na realidade, todo este cenário incide sobre o ser humano, homem e mulher, provocando tendências contraditórias²⁰. Os indivíduos chegam a exagerar no cuidado do corpo, criam fixações por higiene e saúde, querem viver cada vez mais a todo custo. Essa busca, até doentia, tem o outro lado, sobretudo presente nos casos patológicos que afetam os indivíduos, bem como o exagero do consumismo e a anarquia comportamental. Parece não haver escolha. Estamos mergulhados no “culto da modernização técnica”²¹, que acaba prevalecendo sobre a universalização de fins e ideais.

“Há uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimulando o atendimento urgente dos prazeres; o paraíso, o bem-estar e o conforto são colocados em pedestal. Consumir solitariamente, esbanjar, viajar, divertir-se, relaxar, nada a renunciar, centrar-se ingenuamente num egoísmo feroz, tudo desculpabilizar. Uma fronteira parece levantar-se entre o anestesiamiento da consciência e a indiferença em relação a tudo o que está fora do homem”²².

¹⁹ LIPOVETSKY, G., *O tempos hipermodernos*, op. cit., p. 54.

²⁰ Cf. TAVARES, C. Q., *Entre certeza e desafios: Ética sexual católica e concepção de sexualidade humana hoje*, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, PUC, 2006, p. 32.

²¹ Cf. LIPOVETSKY, G., *O tempos hipermodernos*, op. cit., p. 55-57.

²² TAVARES, C. Q., op. cit., p. 32.

Assim, a hipermodernidade liga-se mais ao efêmero; acaba por criar uma sensação de insegurança, reforçada pelo terrorismo, pelas catástrofes, pelas epidemias. “É com os traços de um composto paradoxal de frivolidade e ansiedade, de euforia e vulnerabilidade, que se desenha a modernidade do segundo tipo. Nesse contexto, o rótulo pós-moderno, que antes anunciava um nascimento, tornou-se um vestígio do passado, um ‘lugar da memória’”²³.

Aqui, o mundo é pluralista, policêntrico. Não há um centro. Há sim, uma visão descentrada, dando margem ao surgimento do relativismo, questionando até a possibilidade de um fundamento, de uma verdade. Cai-se no que poderíamos chamar de politeísmo de valores. A razão diversifica-se e distancia-se da unidade. A religião é relegada à esfera privada. O ser humano empenha-se zelosamente em manter a sua autonomia individual, mergulhado num hiper-individualismo narcisista.

Mesmo assim, tão cioso de sua autonomia, eis que este ser humano constrói sua identidade reticente e desconfiado. Assume uma posição cética frente aos projetos históricos, bem como frente aos padrões éticos e valores morais. Na verdade, ele cede facilmente aos encantos ou à pressão desse contexto cultural, deslizando facilmente numa mentalidade utilitarista e consumista. Quer o bem estar econômico. Eis o que aspira!

“Esta mentalidade utilitarista atingirá também sua vida afetiva, regendo-se acima de tudo pelo próprio bem-estar pessoal. Deste modo, sua vida girará em torno de si mesmo, sob o domínio do imperativo individualista. Não aderindo a uma fonte global de sentido, apresenta-se ele como alguém sem convicções, frágil, instável”²⁴.

O foco de toda a ação do indivíduo é consigo mesmo. Porém, o resultado deste desejo emancipatório acaba sendo o isolamento. Os indivíduos, em vez de se colocarem uns frente aos outros como aliados, estranham-se, excluem-se. O ser humano, sozinho e isolado, já não vive a relação entre iguais. Os racismos, os etnocentrismos, os machismos, os fundamentalismos são alguns exemplos do isolamento e da discriminação em que os seres

²³ LIPOVETSKY, G., *O tempos hipermodernos*, *op. cit.*, p. 61s.

²⁴ FRANÇA MIRANDA, M., A salvação cristã na modernidade, *Perspectiva Teológica*, fascículo 59, janeiro de 1991, p. 21.

humanos se engalfinham, chegando à exclusão de muitos, tendo como base uma raça, cor, etnia, sexo ou religião.

5. O SER HUMANO PÓS-MODERNO: QUEM É ELE?

Este cenário tende a configurar as pessoas em todas as suas dimensões. Se, por um lado, se propaga a idéia de que o indivíduo é livre, autônomo, sujeito de si e da história, por outro lado, eis que ele se torna facilmente vulnerável, tendo dificuldade até de auto-identificar-se. Apresenta-se instável e incapaz de estabelecer relações duradouras e de assumir engajamento por um tempo mais longo. Entrega-se facilmente ao consumismo, buscando saciar-se para assim preencher os vazios de sua vida, não raro comprometedores; assume uma atitude mimética ante a publicidade; fica à mercê das 'ondas' do momento, sugeridas sobretudo pelos meios de comunicação social. Além de extremamente frágil, este indivíduo revela-se vulnerável²⁵.

Alarga-se o individualismo, ao mesmo tempo em que se multiplicam as possibilidades de escolhas. No entanto, justamente na hora em que mais precisaria de referenciais, eis que o indivíduo não as tem. Liquefazem-se os marcos referenciais, minando os sentidos, os valores que a própria modernidade lhes tinha fornecido. Ainda mais as balizas disciplinares e institucionais são descartadas, jogando-o de vez em sua própria subjetividade, na esfera privada, num verdadeiro culto ao individualismo de cunho narcisista. Aliam-se, então, o individualismo, o consumismo e o narcisismo, formando uma teia que prende o humano e que está revelando a sua força desumanizadora²⁶.

Esta teia é globalizada e complexa, mesmo que frágil. Quais são os traços que ela infunde no ser humano? Os homens e as mulheres capturados por esta modalidade, trazem as seguintes características²⁷:

- “Um ser humano instrumentalizado, à mercê do mercado e do consumismo;

²⁵ Cf. AGOSTINI, N., Condicionamentos e manipulações: Desafios morais, em CNBB, *Segunda Semana Brasileira de Catequese*, col. Estudos da CNBB n° 84, São Paulo, Paulus, 2002, p. 121.

²⁶ Cf. VALADIER, P., *Moral em desordem: Um discurso em defesa do ser humano*, São Paulo, Loyola, 2005, p. 19.

²⁷ As característica que seguem encontram-se em TAVARES, C. Q., *op. cit.*, p. 36; cf. GARCÍA RUBIO, A., *op. cit.*, p. 49-50.

- Um ser humano voltado para a competitividade, dissociado da solidariedade e da colaboração mútua;
- Predomina um individualismo associal, voltado apenas para sua própria satisfação e realização;
- Continua presente o racionalismo tecnocrático. Uma total e inquestionável adequação e obediência ao modelo do mercado globalizado;
- Reforça-se a 'bem-aventurança' do consumo, onde o homem e a mulher são vistos de maneira elitista e destinados ao consumo: 'Bem-aventurado aquele que pode consumir, e mais bem-aventurado ainda, aquele que pode consumir mais'²⁸.
- Quem não pode consumir é excluído, entra nas massas descartáveis;
- Uma cultura internacional sobressai, desvalorizando as expressões culturais regionais ou nacionais ou apenas integrando-as como elementos folclóricos;
- Desenvolve-se uma cultura internacional audiovisual, entre outras”.

Pode-se falar numa nova configuração do humano, marcado pelo desejo de consumo, até arrastado por ele. Impõe-se assim, uma mudança de valores, sendo o “ter” e o “prazer” de consumir os impulsos que comandam a vida. A economia de subsistência cedeu seu espaço para a economia do desejo. Na economia de subsistência busca-se a satisfação das necessidades básicas. Na economia do desejo, instaura-se uma insaciabilidade das necessidades. Nesta última, não há balizas, não há limites, não se pode falar de restrição ou autocontrole. Cai-se no hedonismo materialista. Cria-se um sistema de valoração que se pauta na posse e no desejo de “ter” sem limites. A mídia massifica o consumidor, sob a falsa impressão de qualidade de vida, de segurança e de realização humana. Na verdade, “sem posses, não há pessoas”²⁹. “A felicidade do consumo desemboca no hedonismo materialista. Uma demanda de prazer que não tem fim, porque nunca satisfaz o que promete. Joga com a estimulação do desejo e desperta a sede indefinida de mais coisas e mais gozo. Ter, possuir, desfrutar, ganhar, alcançar

²⁸ GARCÍA RUBIO, A., *ibidem*, p. 49-50.

²⁹ MARDONES, J. M., *Postmodernidad y Cristianismo, op. cit.*, p. 196.

sucesso, deslumbrar os que estão em volta, são valores que se encontram na sociedade consumista”³⁰.

Existe uma visão coisificada e possessiva do mundo. Vêem-se “coisas”, “objetos”. O desejo é consegui-los, manipulá-los, usá-los e desfrutá-los. A relação com os outros seres humanos acaba por ser estabelecida sob o mesmo registro. Elas têm valor pelas suas “posses” ou pelo prazer e satisfação que me trazem ao usufruir delas ou ser usufruídos por elas.

Hoje, há um excesso de escolhas, o que coloca em crise o consumidor que tudo quer abocanhar, já que não aprendeu a estabelecer prioridades, dispensando ou se privando disto ou daquilo³¹. Instaura-se uma angústia e irritação, pois, tomado pelas garras do individualismo consumista, não consegue de todo realizar o princípio do consumo, o único a propiciar-lhe identidade, status social, exercício de liberdade e bem-estar³². O consumismo é um vício novo!

O ser humano não consegue na verdade, sentir-se pleno; vive miniaturizado. O narcisismo, aqui impulsionado pelo consumismo, é reflexo ou manifestação “miniaturizada do processo de personificação”³³. A convivência social segue a lógica das miniaturas; criam-se grupos afins, tribos afins, circuitos e redes de grupos, minigrupos. O desejo é se encontrar com aqueles que sejam parecidos e tenham as mesmas preocupações imediatas. Não há o encontro com o diferente que desafia o ser humano a sair de si, de ir além, de crescer superando-se. Tudo aqui é expresso pela atenção a si mesmo, numa “dessubstancialização pós-moderna”, numa “lógica do vazio”³⁴. Os indivíduos são, na verdade, fracos, sem convicções, indiferentes, sem conteúdo, vulneráveis, volúveis. Tudo se liquefaz com a mesma rapidez das mesmices que se tecem e se desfazem, porque a atenção a si mesmo é o que conta.

³⁰ *Ibid.*, p. 196

³¹ Cf. BAUMAN, Z., *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001, p. 75.

³² Cf. GALIMBERTI, U., *Os vícios capitais e os novos vícios*, São Paulo, Paulus, 2004, p. 71-79.

³³ LIPOVETSKY, G., *A era do vazio*, *op. cit.*, p. 13.

³⁴ Cf. *ibidem*, p. 15.

À GUIA DE CONCLUSÃO

É certo o grande impacto da pós-modernidade sobre a moral. Lipovetsky aponta para uma “fase pós-moralista”, com uma “ética do pós-dever”³⁵. Depois de uma era teológica, seguida de uma etapa laica moderna, a moral apresenta-se hoje numa fase “pós-moralista”. Esta é identificada na “sociedade que exalta ainda mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual”³⁶. Abandonam-se aqui os ideais sacrificiais para enfatizar imperativos como “a felicidade, pelo sucesso pessoal, pelos direitos dos indivíduos, mais do que por seus deveres”³⁷.

Se a vinculação da moral com a religião foi rejeitada pelos modernos, a atual fase “pós-moralista” descarta, por sua vez, o culto do dever da lei e da liberdade republicanas, portanto modernas. “A cultura sacrificial do dever morreu; entramos no período *pós-moralista* das democracias”³⁸. A obrigação moral rigorista perde sua capacidade de efetivação e fica desacreditada.

No entanto, o que pareceria a “morte” da moral num caos generalizado, ressurgiu como “caos organizador” ou “desordem organizadora”. Na verdade, percebe-se a busca de algum regulador ético, mesmo que seja fora dos “breviários ideológicos que deixaram de responder às urgências desse momento”³⁹. Ressurgiu um anseio de ética que possa respaldar o ser humano em todos os setores, sobretudo sociais. Há igualmente uma revitalização da exigência ética na cultura cotidiana, mesmo que isto se dê ainda num ambiente cheio de ambigüidades. É o paradoxo desta era pós-moralista.

Destacam-se ainda os desejos individuais; porém incentivam-se gestos de generosidade e benevolência, mesmo que seja por um breve espaço de tempo. Diante de crises, catástrofes ou desastres, logo vemos surgir ações solidaristas, mesmo que não se solucionem de fato os problemas e os dramas humanos. A ética aparece ainda como ações que se intensificam num

³⁵ Cf. LIPOVETSKY, G., *O crepúsculo do dever*, op. cit., p. 16.

³⁶ IDEM, *Metamorfoses da cultura liberal. Ética, mídia e empresa*, Porto Alegre, Editora Meridional Ltda, 2004, p. 23-28.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ IDEM, *O crepúsculo do dever*, op. cit., p. 56,

³⁹ Cf. TOURRAINE, A., *Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents*, Paris, Fayard, 1997, p. 23.

determinado momento; logo, a memória curta encarregar-se-à de mudar o foco e voltar a centrar-se em si mesmo.

Na verdade, o ser humano não consegue viver num vazio ético, não suporta viver esvaziado de sentido. O desaparecimento ou o enfraquecimento de sistemas morais requer que se busque uma nova ordem moral. O desafio maior torna-se, então, a *construção ética* desta nova ordem, de seu instituído, num resgate do vital humano⁴⁰. A atual crise nos remete para a necessidade de voltarmos de novo ao vital humano, num resgate da capacidade ética “enquanto referência à capacidade humana de ordenar as relações a favor de uma vida digna”⁴¹.

“O século XXI será ético ou não existirá”⁴².

Frei Nilo Agostini

Frade franciscano (OFM), sacerdote, doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Professor de Teologia Moral na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (São Paulo) e na Faculdade de Teologia da Unisal (Centro Universitário Salesiano de São Paulo).

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINI, N. **Ética cristã e desafios atuais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- . Condicionamentos e manipulações: Desafios morais, em CNBB, **Segunda Semana Brasileira de Catequese**. Col. Estudos da CNBB n° 84, São Paulo: Paulus, 2002, p. 108-135.
- ARDUINI, J. **Antropologia**. Ousar reinventar a humanidade. São Paulo: Paulus, 2002.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

⁴⁰ Cf. AGOSTINI, N., O resgate do vital humano na “produção” ética e inculturada do instituído, em *Ética cristã e desafios atuais*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p. 15-45.

⁴¹ MORAES, R. de, Ética e vida social contemporânea, *Tempo e Presença*, fasc 263, maio/junho, 1992, p. 5.

⁴² LIPOVETSKY, G., *O crepúsculo do dever*, op. cit., p. 235.

- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- FRANÇA MIRANDA, M. A salvação cristã na modernidade. **Perspectiva Teológica**, fascículo 59, 1991, p. 13-32.
- GARCÍA RUBIO, A. Prática da Teologia em novos paradigmas: Adequação aos tempos atuais. In: VÁRIOS AUTORES. **Teologia aberta ao futuro**. São Paulo: Edições Loyola/SOTER, 1997.
- GASTALDI, I. **Educar e evangelizar na pós-modernidade**. São Paulo: Editora Salesiana, 1994.
- GALIMBERTI, U. **Os vícios capitais e os novos vícios**. São Paulo: Paulus, 2004.
- GONZÁLES FAUS, J. I. **Desafio da pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água Editorial, 1983.
- . **Metamorfoses da cultura liberal**. Ética, mídia e empresa. Porto Alegre: Editora Meridional Ltda, 2004.
- . **O crepúsculo do dever**: A ética indolor dos novos tempos democráticos, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994.
- . **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MARDONES, J. M. **Postmodernidad y Cristianismo**: El desafío del fragmento. 2ª ed., Bilbao/Santander: Editorial Sal Terrae, 1988.
- . **Postmodernidad y neoconservadorismo**: Reflexiones sobre la fé y la cultura. Navarra, Editorial Verbo Divino, 1991.
- MORAES, R. de. Ética e vida social contemporânea. **Tempo e Presença**, fasc 263, maio/junho, 1992, p. 5-7.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8ª edição, São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003.
- TAVARES, C. Q. **Entre certezas e desafios**: Ética sexual católica e concepção de sexualidade humana hoje, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.
- TOURRAINE, A. **Pourrons-nous vivre ensemble?** Égaux et différents. Paris: Fayard, 1997.
- VALADIER, P. **Moral em desordem**: Um discurso em defesa do ser humano. São Paulo: Loyola, 2005.